

Sapo humano

(A Emiliano Pernetta)

Oh sapo! en von cantar tuas miserias, sapo,
 Von tirar, nesse lodo onde habitas de rastros,
 Umam vivas canções do teu injento papo,
 Da crosta esverdeada umas scentelhas de astro.

E canções de tal forma, taes, taes scentelhas
 Que todas possam ir, miraculosamente,
 Transformadas, pelo ar, em rutilas abelhas
 Com o iris voador de cada azo fulgente.

Que tu, tredo animal, tu, triste Sapo hediondo,
 Não és o vil, o torpe, o irracional, que a lama
 Em camadas envolve o atro ventre rotundo redondo,
 Dos tempos immortaes nessa fecunda chamma.

Não és o sapo lustrado de immundas estergueiras,
 O sombrio Cair nos lamacaes errantes,
 O clovin gargalhador das charneiras rasteiras,
 Que vil se para o sol com riso ironisante.

Não és o sapo atrox, coaxador, visquento,
 Que rouco ruga e ruiva á noite os seus horrores.
 E para o constellado e mudo firmamento
 Faz ecoar os mais surdos e asperos tambores.

Mas és o sapo humano, esse asqueroso e feio,
 Nascido de roldão na lugubre miseria
 E que do mundo vão no pavoroso seio
 Lembra o negro sarcasmo enorme da Materia.

Mas és o sapo humano, o sapo mais abjecto
 Do crime aterrador, do tenebroso vicio,
 Mas que ainda possues o britho de um affecto
 Que te livra, talvez, do eterno precipicio.

Por ora na tua alma ~~na~~ a noite cruel, cerrada,
Não cahiu de um vex, como terrível fôra;
Nella ainda ha clares de limpida alvorada,
Vem preunio feliz de aurora redemptora.

Ainda tens coração que pulsa no teu peito
Por uns filhos gentis, ingenuos, pequeninos,
Que são o grande amor, o sentimento eleito
Vencendo esses fataes instinctos assassinos.

Tu semelhas de um charco a superficie mia
E vitrea, que no campo, ao ar, adormice,
Que se em cheio lhe bate a luz do sol da lua,
Para a vasta amplidão scintilla e resplandece.

Pois no teu organismo assim sinistro e tórvo,
Repleto de vibrações do vicio — essas creanças,
Torrem virginaes, oh! solitario côrvo,
Com sorrisos de luxas e beicariolas mansas.

Amor que regenera os infimos bandidos,
Não reduziu, enfim, tua alma a ignobil trapo
E eis porque, n'um viver de pranto e gemidos,
Cantam dentro de ti, aves e estrellas, Sapo!

Cray. Louca